

**A FILOLOGIA COMO FERRAMENTA
DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Juliana Lima Façanha (UFMT)

jufacanha@gmail.com

RESUMO

O objetivo de presente artigo é popularizar a filologia no meio acadêmico e escolar, a fim de incentivar professores de língua portuguesa a utilizarem essa ciência milenar como ferramenta de prática de ensino de língua, propondo algumas sugestões para a aplicação didática em sala de aula. A reflexão acerca do tema se faz necessária para popularizar a filologia enquanto ciência fundamental, mas pouco conhecida entre os professores de língua portuguesa e como proposta de possíveis estratégias de aplicação em sala de aula, enquanto ferramenta pedagógica.

Palavras-chave: Filologia. Língua portuguesa. Ensino.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo, orientado pela filologia, incentivar professores de língua portuguesa a utilizarem a ciência filológica como ferramenta para a prática de ensino-aprendizagem de língua, propondo algumas sugestões para a ação didática em sala de aula. Devido à ansia por diferentes instrumentos pedagógicos, se faz necessária a reflexão acerca do tema, tanto para a divulgação de uma ciência fundamental, mas pouco conhecida entre os professores de língua portuguesa, quanto para desenvolver possíveis estratégias de aplicação em sala de aula, que proporcione suporte ao professor e seja atrativa aos alunos.

Ao contrário do que foi implementado no Brasil no final do século XIX, a proposta aqui lançada não se atém apenas ao ensino da gramática normativa intermediado por textos escritos, pois entendemos que documentos, antigos e modernos, são fontes inesgotáveis de diversas abordagens referentes aos estudos de linguagem e outras disciplinas, como a história, sociologia.

Nossa proposta visa, ainda, contemplar as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* no que tange, por exemplo, às “Atividades de produção escrita e de leitura de textos gerados nas diferentes esferas de atividades sociais – públicas e privadas”, uma vez que, segundo as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006, p. 37) tais atividades, principalmente se tomadas em relação aos textos privilegiados no ensino

fundamental, devem focalizar, no caso da leitura, não apenas a formação ou consolidação do gosto pela atividade de ler, mas sim o desenvolvimento da capacidade de compreensão do texto escrito, seja aquele oriundo de esferas privadas, seja aquele que circula em esferas públicas.

Essa mesma lógica deve orientar a seleção e a condução pedagógica de atividades de produção escrita, voltadas para a formação e o refinamento de saberes relativos às práticas de uso da escrita na nossa sociedade, tanto para as ações de formação profissional continuada quanto para aquelas relativas ao exercício cotidiano da cidadania.

A proposta de utilizar a ciência filológica como ferramenta de ensino-aprendizagem em aulas de língua portuguesa, especialmente no ensino médio, vem de acordo com tal orientação, pois promove práticas de letramento na sala de aula, além de aprimorar o conhecimento do professor em relação às ciências que auxiliam sua prática docente.

2. *Filologia: conceito*

Preservar a integridade de documentos históricos, culturais e literários, restabelecê-los, devolvendo-lhes à sua forma mais genuína possível e, ainda, preservá-los de eventuais corrupções que podem ser introduzidas através de sua transmissão são, dentre outros, objetivos e compromisso a que se dedica o filólogo ou crítico textual.

Desde a Antiguidade, o homem lida com textos escritos, com o intuito de preservá-los, devido a seu valor sócio-histórico-cultural, e por representarem seu pensamento e ideologia. Esse estudo, a cargo da filologia, interessa também a profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, tais como antropologia, direito, história, geografia, sociologia, linguística, dentre outras.

O objeto da filologia é uma língua ou família de línguas atestadas por documentos escritos. A ciência é muito antiga e teve, em velhos tempos, um conceito bem diverso do que agora lhe cabe. (MELO, 1967, p. 18)

Spina afirma que a filologia

[...] concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado. A explicação do texto, tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores, apela evidentemente para disciplinas auxiliares (a literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a arqueologia etc.), a fim de elucidar todos os pontos obscuros

do próprio texto (SPINA, 1994, p. 82)

Segundo César Nardelli Cambraia (2005, p. 23), uma das características da filologia é a transdisciplinaridade, pois, para que o crítico textual possa efetivamente cumprir suas tarefas e para que os textos sejam conservados e compreendidos, necessita de outras áreas como a paleografia, a diplomática, a codicologia, a bibliografia material e a linguística (ciências auxiliares da filologia). Uma das formas de se estudar um texto, seguindo-se princípios da filologia, é proceder à sua edição.

Para desenvolver um trabalho filológico há a necessidade de editar os documentos com vista ao público que será leitor de tais manuscritos. Há diversos tipos de edição para tornar acessível ao público um texto manuscrito. Para a nossa proposta, focaremos nas edições monotestemunhais que são divididas em quatro tipos, diferenciados “[...] com base no grau de mediação realizada pelo crítico textual na fixação da forma do texto: são elas fac-similar, diplomática, paleográfica e interpretativa”. (CAMBRAIA, 2005, p. 91)

A importância de se pensar no público-alvo está no fato de que dificilmente uma mesma edição é adequada para todo tipo de público, pois diferentes são seus interesses. (CAMBRAIA, 2005, p. 90). E conclui afirmando que uma edição que reproduza particularidades gráficas de um texto quinhentista, por exemplo, pode despertar o interesse do linguista, entretanto, não seria apropriada a um público jovem interessado apenas em seu conteúdo.

O filólogo, realmente, vê a língua, analisa a língua, as formas, as construções, acompanha, através de documentos cronologicamente sucessivos, a evolução dos fonemas, das formas, do emprego das formas e da construção da frase. (MELO, 1967, p. 19). Consequente, fica claro o valor indelével da filologia para a construção do conhecimento no que tange o ensino de uma língua. Na escola tradicional brasileira, cujo ensino de gramática ainda é priorizado, utilizar textos antigos e modernos pode ser uma ferramenta que contribua imensamente para o ensino de língua portuguesa.

3. *Filologia e práticas de ensino de língua portuguesa*

Este tema apresentou-se a partir de uma reflexão sobre as barreiras encontradas para aplicar em sala de aula os conhecimentos científicos proporcionados pela literatura e pesquisa em filologia. Os filólogos, en-

quanto professores de língua portuguesa do ensino médio, encontram dificuldades para aplicar ações didáticas cujo textos antigos são ferramentas. Entretanto, acordados com as novas concepções teóricas de ensino aprendizagem, nos parece totalmente viável a elaboração desta proposta para ensino aprendizagem na prática de língua portuguesa.

São inúmeras as pesquisas descritivas que abordam a prática docente do professor de língua portuguesa. Entretanto, devido à realidade escolar, é urgente e necessário ultrapassar os aspectos descritivos e prescrever propostas que sejam concretas e objetivas para auxiliar o professor.

Uma das principais angústias dos professores é encontrar ferramentas que auxiliem suas práticas diárias. Por vezes, ainda que o mesmo elabore um plano de ensino interessante, o professor encontra algumas barreiras para aplicá-lo em sala de aula – infraestrutura da escola, materiais de apoio, indisciplina dos alunos, entre outros.

Ao contrário do que foi implementado no Brasil no final do século XIX, a proposta aqui lançada não se atem apenas ao ensino da gramática normativa, pois entendemos que por meio de texto escritos, antigos e modernos, é possível desenvolver diversas abordagens referentes ao estudo de linguagem e outras disciplinas, como já foi apresentado anteriormente.

Ao estudioso do texto escrito, a filologia amplia a possibilidade de leitura, proporcionando um diálogo com outras ciências. Nesse viés nos questionamos: sendo o texto escrito uma ferramenta de ensino de língua portuguesa, por que documentos manuscritos antigos não são utilizados em sala de aula, (lembrados apenas para o ensino de história)? Por que a filologia vem sendo resgatada para contribuir para a história do português brasileiro e não para a aplicação no ensino de língua?

No Brasil tivemos, até bem pouco tempo, absoluta carência de faculdades de letras, onde se ministrasse o ensino da Filologia. Hoje as possuímos já muito numerosas, mas, infelizmente nem todas estão à altura de suas funções. Não lhes é fácil recrutar bons professores, por uma razão óbvia; o número de alunos quase sempre é pequeno, porque não se sabe bem ainda para que servem elas (...) (MELO, 1967. p. 30)

Não cabe aqui prescrever a cerca desses questionamentos, mas se faz necessário citá-los para provocar/incitar a reflexão crítica do leitor.

4. Metodologia

Os métodos de ensino correspondem aos meios utilizados pelos professores com a função de promover a transmissão do conteúdo. Já a metodologia diz respeito à utilização desses meios, às ações mediadas por tais ferramentas e materiais pedagógicos. É *mister* que as metodologias de ensino devem estar de acordo com o objetivo tencionado e seleção adequada do método, afim de encontrar o melhor resultado para a transmissão de conhecimento.

Diante do exposto acima, a proposta apresentada aqui poderá ser adequada em diferentes níveis escolares. Contudo, destinaremos aqui, para alunos do 1º ano do ensino médio.

A primeira ação para desenvolvê-la será a capacitação do professor para que este tenha um conhecimento prévio acerca da filologia, especialmente, habilidade para editar textos, torná-los legíveis.

Com o objetivo de contextualizar a atividade, o professor reservaria uma aula para apresentar a disciplina aos alunos em uma perspectiva diacrônica da língua, mostrando alguns pontos de variação ortográfica, por exemplo. Uma abordagem interessante seria também levar um texto legível e inteligível, que apresente um número relevante de abreviações, a fim de refletir o caráter das abreviações que são utilizadas em textos digitais atualmente - SMS, WhatsApp, redes sociais, que não se trata de um fenômeno recente, uma vez que as abreviaturas eram abundantes em textos antigos.

É possível que o professor aborde, por exemplo, tipos de variação linguística apresentando a diferença entre variação diacrônica e sincrônica e demonstre as diferenças ortográficas de determinados períodos: as consoantes duplicadas, por exemplo, do menos complexo ao mais complexo.

Por meio da edição fac-similar, além de tornar o texto acessível, visto que as visitas aos arquivos públicos são pouquíssimas, os alunos se tornam autores da ação pedagógica, podendo, por meio da habilidade que possuem com ferramentas digitais, tal qual câmeras fotográficas, celulares e internet, montar um banco de edições digitais, no tema proposto pelo professor.

A respeito do exposto, César Nardelli Cambraia (2005) afirma que:

A acessibilidade manifesta-se através do fato de que, de qualquer lugar no mundo onde haja acesso à internet, é possível realizar buscas de testemunhos de um texto. No passado, os principais meios de localização de testemunhos eram os catálogos impressos de manuscritos e incunábulo³, nem sempre disponíveis em qualquer biblioteca. No caso de sua inexistência em bibliotecas próximas, impunham-se viagens pessoais a arquivos e bibliotecas ou ainda correspondência por correio regular: a primeira opção, cara; a segunda, lenta. Atualmente, é possível realizar consulta a bases de dados informatizadas de grandes acervos (como das bibliotecas nacionais ou de universidades) a partir da própria residência, no computador pessoal ligado à internet. [...] A informática permite que se vá ainda mais longe: é possível investigar não apenas as bases de dados tradicionais, mas também um grande volume de textos disponíveis na internet, cuja existência geralmente se ignora até o momento em que um programa de busca de páginas eletrônicas assinala a existência da informação pedida nesses textos. (CAMBRAIA, 2005, p. 181-182)

O uso de recursos tecnológicos⁴ na educação, não apenas para aulas de línguas, mas com vista ao âmbito educacional, enriquece as aulas, tornando-as atrativas uma vez que desperta o interesse do aluno, tornando-o sujeito das ações e possibilita abordar os conteúdos em uma perspectiva próxima ao cotidiano dos mesmos.

A seguir, apresentaremos um plano de aula a ser desenvolvido:

PLANO DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Tema	LÍNGUA ORAL E LÍNGUA ESCRITA
Serie	1º ANO - ENSINO MÉDIO
Duração	45 MINUTOS (1 hora/aula)
Conteúdo	Língua Oral e Escrita. Variação Linguística Diacrônica. Preconceito Linguístico.
Objetivo geral	Identificar a heterogeneidade e mudança da língua. Distinguir linguagem escrita e oral e seus usos.
Objetivo específico	Diferenciar linguagem oral da linguagem escrita. Compreender o uso da linguagem em diferentes contextos. Valorizar tanto a linguagem oral quanto a escrita.
Metodologia ⁵	O professor levará impresso alguns manuscritos e entregará para pequenos grupos na sala. Na sequência, os alunos dos grupos farão a leitura e identificarão quais os pontos de difícil leitura. Com o auxí-

³ Incunábulo é um livro impresso nos modelos da Bíblia de Gutenberg, no modelo de tipos. Refere-se às obras impressas entre 1455 até 1500.

⁴ Como se trata de uma proposta inicial, nos atemos à possibilidade de utilizar recursos tecnológicos para auxiliar a prática docente, mas entendemos as dificuldades e a realidade dos professores que ministram aulas em escolas que não possuem acesso à internet, ou em comunidades escolares que também não possuem acesso.

⁵ A metodologia aqui proposta parte do pressuposto que o professor tenha habilidades básicas em edição de texto.

	lio do dicionário, cada grupo poderá buscar o significado de algum vocábulo que desconheçam. A partir daí, os alunos poderão construir listas com as palavras mais rebuscadas e apresentar correlatos atuais. Nesse momento, o professor poderá abordar as mudanças diacrônicas da língua portuguesa, apresentando palavras que caíram no desuso, por exemplo. Outra abordagem que poderá ser realizada será a adequação linguística ente o uso formal e informal da língua.
Recurso	Quadro, giz, xerox, Datashow
Avaliação	Interação e envolvimento dos alunos.

A proposta de utilizar a ciência filológica como ferramenta de ensino-aprendizagem em aulas de língua portuguesa, especialmente no ensino médio, vem de acordo com as orientações curriculares, pois contemplam práticas de letramento e a utilização de ferramentas tecnológicas por meio de edições fac-similar.

5. *Considerações finais*

A discussão desse trabalho parte do pressuposto que o texto deve ser o ponto de partida e o ponto de chegada para as aulas de língua portuguesa. Dessa maneira, acreditamos que utilizar textos escritos antigos, de diversos temas, pode ser um suporte interessante para o professor.

Sabe-se das lacunas que ainda existem na formação do professor de línguas. Muitos cursos de graduação se quer oferecem a disciplina filologia românica em sua grade curricular. Entretanto, refletir acerca da importância da Filologia para os estudos de linguagem e apresentar uma proposta de intervenção, ainda tímida, no ensino de língua portuguesa são elementos que precisam ser discutidos e abordados entre professores e filólogos, afim de prescrever caminhos para a manutenção da ciência e sua prática.

Os professores necessitam, logo, apropriarem-se dos saberes filológicos para aplicá-los e ensiná-los. Contudo, ao converter textos antigos em objetos de ensino, precisarão adaptá-los para inserir os conteúdos curriculares.

Não se trata de uma tarefa fácil. Há um longo caminho a percorrer para tornar essa proposta uma realidade. Entretanto, promover o conhecimento em diversas esferas é compromisso exímio de todo pesquisador e docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.